



A IMPORTÂNCIA DE ESTUDOS DE AVALIAÇÃO E PERCEPÇÕES SOCIOLINGUÍSTICAS*

THE RELEVANCE OF STUDIES ON SOCIOLINGUISTIC EVALUATIONS AND PERCEPTIONS

Lívia Oushiro**

RESUMO

Este trabalho busca argumentar que (i) assim como a produção linguística, as avaliações e as percepções são demonstravelmente variáveis e ordenadas; e que (ii) os estudos sobre avaliações e percepções são fundamentais não só para a compreensão dos processos de variação e mudança linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), mas também para a promoção do respeito linguístico (SCHERRE, 2020). Para tanto, resenham-se inicialmente alguns estudos que tratam de avaliações e de percepções, e que demonstram a sistematicidade de seus padrões de variação; em seguida, apresenta-se sinteticamente um método para modelagem de campos indexicais (ECKERT, 2008), conceito que permite operacionalizar os múltiplos significados sociais de variantes linguísticas. Argumenta-se, em última instância, que os próprios linguistas ainda pouco conhecem os mecanismos de associação entre certas variantes e significados sociais, e que a ampliação de estudos sistemáticos sobre avaliações e percepções sociolinguísticas é peça-chave para o combate ao preconceito linguístico e para a promoção da diversidade linguística.

Palavras-chave: avaliações e percepções linguísticas; significados sociais; respeito linguístico.

ABSTRACT

This article argues that (i) just as in language production, linguistic evaluation and perceptions exhibit orderly heterogeneity; and (ii) studies on evaluation and perceptions are central not only for understanding the processes of language variation and change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), but also for promoting linguistic respect (SCHERRE, 2020). To these

* Este artigo é um resumo do texto apresentado na conferência de encerramento do V FELCE, em 9 set. 2020 (Disponível em: https://youtu.be/8WUxd_qJebQ) e retoma argumentos publicados em dois outros artigos: Oushiro (2019) e Oushiro (2021).

** Professora doutora na Universidade Estadual de Campinas, coordenadora do Laboratório VARIEM – Variação, Identidade, Estilo e Mudança.

ends, we initially review a few studies on evaluation and perceptions that show the systematicity of their variation patterns; next, we present a method for modeling indexical fields (ECKERT, 2008), a concept that allows for the operationalization of multiple social meanings of linguistic variants. Finally, we argue that linguists themselves still know little about the mechanisms of association between certain linguistic variants and social meanings, and that it is necessary to develop more systematic studies on evaluations and perceptions in order to diminish language prejudice and to promote language diversity.

Keywords: *linguistic evaluation; linguistic perception; social meanings.*

INTRODUÇÃO

O Brasil, país de dimensões continentais, é composto por populações bastante diversas entre si, com diferentes características e identidades. Tais diferenças muitas vezes aparecem em estereótipos acerca das diferentes regiões e grupos sociais – estereótipos que exibem certa regularidade e algumas variações, de acordo com o ponto de vista.

No âmbito linguístico, os estereótipos e os preconceitos são tão comuns quanto em qualquer outro aspecto da vida social. À época do episódio que ficou conhecido como “polêmica do livro didático”, em 2011, ficou claro o quanto ainda falta para a Linguística divulgar à sociedade sua perspectiva de aceitação da diversidade e da variação linguística – por exemplo, que falar “nós pega o peixe” não é errado, mas uma variante possível na gramática do português. É sobre esse ponto que este trabalho gostaria de refletir. Por que os linguistas enfrentam tantas dificuldades na divulgação de seus estudos e de sua perspectiva sobre o funcionamento das línguas? Por que a sociedade como um todo continua se pautando quase que exclusivamente pelas prescrições da gramática normativa?

Na Sociolinguística, os estereótipos têm sido tratados desde os primeiros estudos de Labov (2006 [1966], 2008 [1972]). O autor define três categorias de variáveis linguísticas quanto ao grau de consciência dos falantes e sua suscetibilidade à variação estilística de acordo com o grau de atenção prestado à fala. Os *indicadores* são variáveis abaixo do nível da consciência dos falantes e que, de modo geral, não estão disponíveis para metacomentários, ainda que apresentem padrões regulares de variação e encaixamento social e linguístico. Os *marcadores* são variáveis reconhecidas pelos falantes de uma comunidade e revelam estratificação socioeconômica e estilística. Por fim, os *estereótipos* são variáveis sujeitas a metacomentários explícitos dos falantes e a extrema estigmatização, como é o caso, por exemplo, do uso da concordância verbal não padrão em comunidades urbanas brasileiras.

A importância de se estudar o grau de consciência que os falantes têm sobre as variantes de uma variável e seus padrões de variação aparece na obra seminal de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), quando os autores elencam o *problema da avaliação* como uma das cinco questões centrais da Teoria da Variação e da Mudança, ao lado da questão dos fatores condicionantes, da transição, do encaixamento e da implementação. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 103) afirmam que

o estudo do problema da avaliação na mudança linguística é um aspecto essencial da pesquisa que conduz a uma explicação da mudança. Não é difícil ver como traços de personalidade inconscientemente atribuídos a falantes de um dado subsistema determinariam a significação social da alternância para esse subsistema e assim seu desenvolvimento ou obsolescência como um todo. Mas

o efeito dos valores sociais sobre o desenvolvimento interno de um sistema linguístico é uma questão mais difícil [...]

O problema da avaliação, com efeito, tem sido relativamente menos estudado em comparação com outras questões da Teoria da Variação e da Mudança. Em um projeto sobre as avaliações linguísticas de estudantes universitários do Nordeste e do Sul, Freitag *et al.* (2015, p.70) afirmam que “[o] problema da avaliação [...] se torna central para se averiguar como as variáveis linguísticas assumem significado identitário regional e como isto configura as estratificações regionais” em diferentes variedades do português, sendo necessária a sua abordagem para ampliar a compreensão do que seria o português brasileiro, para além de estudos de produção linguística, bastante prolíficos na sociolinguística do país. Em texto subsequente, as autoras são ainda mais explícitas: “não basta saber como o brasileiro fala; é preciso também conhecer ‘como o brasileiro acha que fala’, seguindo pela perspectiva da sociolinguística da percepção” (FREITAG *et al.*, 2016, p. 65).

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), a avaliação é componente importante para se entender a mudança linguística: as avaliações feitas pelos falantes podem explicar o porquê de certas mudanças seguirem adiante, ao passo que outras podem ocorrer mais lentamente, ou até mudar de curso. Entretanto, para além de um interesse dentro da própria teoria linguística, nós, como seres que vivemos em sociedade, também devemos ter uma preocupação social. Labov, em sua fala na série de conferências promovidas no ABRALIN ao Vivo (LABOV, 2020), tratou de como a Linguística pode contribuir para a justiça social. No Brasil, uma grande porta-voz do papel da Linguística na promoção de justiça social tem sido a linguista Maria Marta Pereira Scherre, que em vários trabalhos trata de preconceito linguístico, e, mais recentemente, tem tratado não só de preconceito, mas principalmente de *respeito linguístico*, uma perspectiva afirmativa sobre a questão. Em sua fala no ABRALIN ao Vivo, Scherre (2020) definiu *respeito linguístico* como

a convivência harmoniosa entre as diferentes formas de falar, seja no plano das diferenças entre línguas, seja no plano das diferenças entre as variedades no interior de uma mesma língua. As diferenças linguísticas, em qualquer plano, incluindo o social, caracterizam grupos de falantes e são mecanismos identitários. Então, o Respeito Linguístico implica a capacidade de ouvir o outro com seus traços linguísticos sem julgamentos de valor, sem brincadeiras de mau gosto, sem o imperioso desejo de mudar a fala do outro, sem preconceito, sem intolerância, sem *bullying*.

Contudo, quando se desenvolvem pesquisas sobre avaliações e percepções sociolinguísticas, percebe-se o quão longe estamos desse ideal de respeito linguístico.

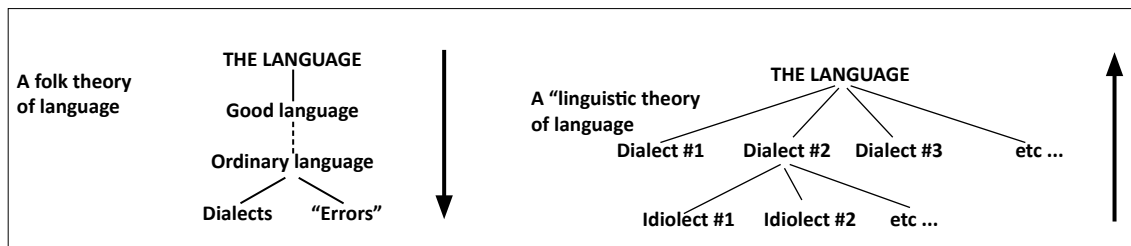
Considerando esses pontos, os objetivos específicos deste artigo são os seguintes: primeiramente, revisar alguns estudos sobre avaliações e percepções sociolinguísticas, por meio dos quais se espera demonstrar que, assim como a produção linguística, as percepções também são variáveis e ordenadas; em segundo lugar, e com base nos estudos sobre avaliações e percepções, se argumentará que os próprios linguistas ainda desconhecem os mecanismos de associação entre certas formas linguísticas e significados sociais, e que uma melhor compreensão sobre como funcionam avaliações e percepções é necessária para que se obtenham mais ferramentas para se chegar ao Respeito Linguístico.

LINGÜÍSTICA VS. LINGÜÍSTICA POPULAR

Preston (2013) apresenta uma diferenciação entre uma teoria popular da linguagem e uma teoria linguística (ver Figura 1, esq.). Para as pessoas, de modo geral, existe “A LÍNGUA”, uma

entidade eterna, sólida, imutável. Da língua derivam os bons usos, a “boa língua”, mas existe também uma versão inferior da língua, que é a “língua comum”. São desses usos “comuns” que derivariam os dialetos e os “erros”, esses já bastante distantes da versão ideal da língua.

Figura 1 – Visão popular (esq.) e visão linguística (dir.) sobre a língua



Fonte: Preston (2013, p. 179).

Os linguistas, ou pelo menos parte deles, adotam uma perspectiva oposta sobre a língua (Figura 1, dir.): cada pessoa tem o seu idioleto e um conjunto de idioletos forma um dialeto; os diferentes dialetos, por sua vez, formam aquilo que abstratamente chamamos de língua. Essa é uma abordagem “de baixo para cima”, adotada sobretudo por aqueles que estudam os usos linguísticos. O choque entre a visão leiga e uma visão científica da Linguística começa por diferentes concepções sobre o que é a língua e como ela funciona. Ocorre que, muitas vezes, quando surgem atitudes como as reações ao livro didático, o linguista não dá a devida atenção a essas manifestações, desmerecendo-as como uma falta de conhecimento por parte dos leigos. Mas não deveríamos dar as costas a essas manifestações: é possível estudar sistemática e cientificamente as avaliações populares sobre a língua.

Uma tarefa a ser realizada pelos linguistas é perguntar às pessoas o que elas acham sobre certas variantes e certos modos de falar, ouvindo genuinamente o que elas têm a dizer. No Projeto SP2010 (MENDES; OUSHIRO, 2012), por exemplo, foram gravados centenas de paulistanos, a quem se fizeram sistematicamente, ao final do roteiro de entrevista, três perguntas sobre avaliações linguísticas. Uma delas era “O que você acha desse modo de falar: ‘me vê dois pastel e um chopos?’” A partir do levantamento de respostas, foi feita a nuvem de palavras da Figura 2, que mostra as respostas mais e menos frequentes pelo tamanho da fonte. Nela é possível ver que certas noções são mais recorrentes, como afirmar que essa forma de falar é “errada”, mas também que essa é a forma como os paulistanos falam. Além da falta de escolarização, a concordância nominal não padrão também é associada aos italianos, que “comem os S”, e ao bairro da Mooca. Note-se que há inclusive visões contraditórias: alguns consideram que os mais jovens falam assim; outros afirmam que é coisa do passado e que são os mais velhos que falam desse modo. Percebe-se, então, que as avaliações não são uniformes dentro de uma comunidade, mas variáveis.

No Projeto SP2010, também se perguntava qual era o sotaque do Brasil de que a pessoa mais gostava e de qual não gostava, e por quê. Perguntas como essas, quando feitas de modo sistemático, podem render uma visão abrangente sobre avaliações. Preston (2013) fez esse levantamento sobre qual variedade do inglês os nativos do estado de Michigan consideram mais “correta” e plotou os resultados em um mapa: para esses falantes, o inglês mais correto é aquele falado na própria região, e o inglês que mais se distancia do correto são as variedades no sul do país.

Nesses exemplos, os pesquisadores fizeram perguntas diretas e explícitas aos participantes sobre o que eles achavam de certos sotaques ou certas formas de falar. Outra abordagem possível é buscar reações indiretas e inconscientes dos participantes, pois sabe-se que as pessoas normalmente buscam disfarçar seus preconceitos – o que não significa que não os tenham.

Figura 2 – Nuvem de palavras associadas à sentença “Me vê dois pastel e um chopes”



Fonte: Oushiro (2015, p. 129).

Um método para buscar reações subjetivas e inconscientes é a técnica *matched-guise*, desenvolvida por Lambert e colaboradores na década de 1960 (LAMBERT *et al.*, 1960). Aqui, o que se está chamando de *percepções* são reações inconscientes que os falantes têm quando não são consultados diretamente sobre o que pensam sobre certos sotaques ou modos de falar. Lambert *et al.* estavam interessados em reações de anglófonos e francófonos na cidade canadense de Montréal às duas línguas faladas na região. Para isso, foram gravados quatro homens bilíngues lendo um mesmo texto em inglês e em francês, o que gerou oito gravações, às quais foram acrescentadas duas gravações distratoras. Os autores apresentaram as dez gravações a 130 estudantes universitários, que tiveram a tarefa de ouvir cada gravação e julgar cada uma das vozes quanto a 14 características. Embora os ouvintes tenham escutado quatro desses falantes duas vezes, uma em inglês e outra em francês, eles acreditavam ter ouvido dez pessoas diferentes. A lógica por trás da técnica é que, se houver diferenças nos julgamentos para um mesmo falante, esses julgamentos não são sobre o indivíduo, mas sim sobre as línguas.

Os resultados indicaram que os anglófonos avaliaram o inglês mais positivamente do que o francês quanto aos traços de altura, boa aparência, inteligência, confiabilidade, bondade, ambição e caráter. Os estímulos em francês, por outro lado, foram mais bem avaliados quanto ao senso de humor. Os francófonos, por sua vez, também avaliaram os estímulos em inglês mais favoravelmente do que o francês em diversas dimensões, até mais do que os anglófonos, e avaliaram os estímulos em francês mais favoravelmente nas dimensões de religiosidade e bondade.

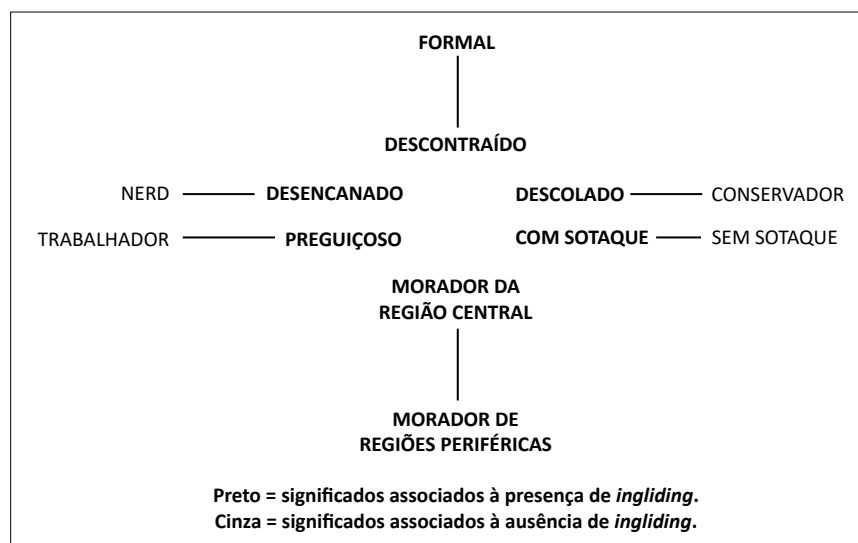
A mesma técnica de estímulos pareados também foi empregada por Purnell, Idsardi e Baugh (1999) para eliciar percepções sobre as variedades de negros, de latinos e a variedade padrão do inglês norte-americano. Os autores selecionaram nos jornais locais em São Francisco anúncios de imóveis a vender ou a alugar e ligaram para as imobiliárias três vezes para cada anúncio, cada vez usando um dialeto diferente, com certo intervalo de tempo entre cada ligação e em uma ordem randomizada. Os pesquisadores computaram quantas vezes conseguiram agendar uma visita em cada disfarce: em inglês padrão, em inglês chicano e em inglês afroamericano. Ao tabular os dados, verificou-se que o sucesso no agendamento de uma visita ao imóvel, para os “disfarces” afro-americano e latino, se correlaciona com a proporção da população negra e hispânica dos bairros; no entanto, não se verifica a mesma correlação com a voz “padrão”. Esse resultado mostra que as

variedades negra e latina do inglês são reconhecidas pelos ouvintes e podem ser objeto de discriminação residencial.

CAMPOS INDEXICAIS E SUA MODELAGEM

Eckert (2008) propõe o conceito de *campo indexical*, definido como uma “constelação de significados ideologicamente relacionados, qualquer um dos quais pode ser ativado no uso situado da variável. O campo é fluido, e cada nova ativação tem o potencial de mudar o campo ao construir conexões ideológicas.” (p. 454) O conceito tem sido empregado de modo frutífero em diversos estudos sociolinguísticos (ver, p.ex., Campbell-Kibler (2006, 2009); Walker *et al.* (2014); Tyler (2015); Battisti e Oliveira (2016); Oushiro (2019), *inter alia*) para explicar as inter-relações ideológicas entre os significados potenciais de variáveis linguísticas. A Figura 3 é um exemplo de campo indexical proposto por Battisti e Oliveira (2016) para o *ingliding* (p.ex., *voc[e]~voc[er]*) no português porto-alegrense; os significados negritados são associados à presença do *ingliding*, enquanto aqueles em cinza se associam à ausência da variante.

Figura 3 – Campo indexical do *ingliding* no português de Porto Alegre (RS)



Fonte: Battisti e Oliveira (2016, p. 24).

No entanto, algumas questões podem ser levantadas quanto à operacionalização do conceito. Como exatamente os falantes transitam de um significado para o outro, e como os significados vêm a se associar a certas variantes? Pesquisadores distintos chegariam à mesma representação do campo indexical de determinada variável? Embora os exemplos de campos indexicais se pautem por pesquisas empíricas, como se pode assegurar que o campo indexical não é enviesado pelas associações feitas pelo próprio pesquisador sobre os significados potenciais de uma variável?

Faz-se necessário desenvolver um modelo que permita representar múltiplas correlações multidimensionais de modo objetivo e replicável. Oushiro (2019) propõe um método para modelagem de campos indexicais por meio de Árvore de Mínimas Distâncias (GOWER; ROSS, 1969), que são um algoritmo matemático que permite a representação de múltiplas correlações, e no qual correlações mais fortes são representadas por uma menor distância, e falta de correlação

é representada por maior distância entre dois termos. Isso pode ser feito na plataforma R (R CORE TEAM, 2019) por meio de uma matriz de correlações, a partir da qual a árvore de mínimas distâncias é plotada.

A proposta de Oushiro (2019) se baseia em dados obtidos em um estudo do tipo *matched-guise*, que analisou reações inconscientes e subjetivas sobre a pronúncia de /r/ em coda como tepe ou retroflexo na cidade de São Paulo. Como se sabe, a pronúncia de /r/ em coda é altamente variável no Português Brasileiro (PB), com sete ou oito variantes distintas, desde as mais anteriores, como o trill [r], tepe [r] e a aproximante retroflexa [ɹ], até realizações mais posteriores como fricativa velar [x, ɣ] e glotal [h, ħ], além do apagamento que ocorre em todas as variedades do PB. É uma das variáveis mais estudadas na Sociolinguística brasileira e uma das mais salientes (ver, p.ex., Brandão (2007); Callou *et al.* (1996); Oushiro e Mendes (2013), *inter alia*), sendo as suas variantes índices de identidades regionais e sociais.

Na cidade de São Paulo, o tepe é tradicionalmente considerado a variante prototípica, mas o /r/ retroflexo também ocorre com frequência. Em uma análise multivariada de produção da fala de 118 paulistanos nativos, Oushiro (2015) verificou que o /r/ retroflexo representa cerca de 30% dos /r/ pronunciados. Socialmente, o retroflexo é favorecido por homens, falantes com níveis mais baixos de escolaridade, aqueles que vivem na periferia e que são de classes mais baixas, e cujos pais migraram de outras partes do país.

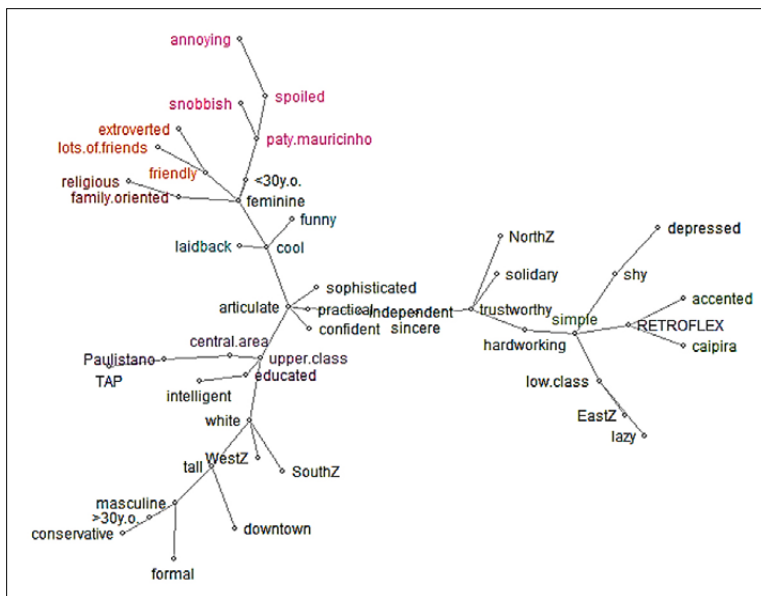
Nesse estudo, avaliações explícitas sobre o /r/ retroflexo foram eliciadas por meio de uma pergunta no roteiro da entrevista: “O que você acha desse modo de falar: ‘a porta tá aberta?’”, realizada com um retroflexo exagerado. As respostas dos participantes mostraram uma forte associação entre a variante e as noções “interior” (do estado de São Paulo, Minas Gerais) e “sotaque”. Desse modo, um dos principais significados sociais da variação de /r/ em coda é geográfico: a diferenciação entre a capital e o interior do estado. No entanto, o fato de que o retroflexo não é infrequente entre os próprios paulistanos levou à questão de se os falantes também associariam as variantes com outros significados sociais e identidades.

No experimento *matched-guise*, quatro paulistanos nativos foram gravados em entrevistas sociolinguísticas – dois homens e duas mulheres com perfis sociais parecidos: todos tinham nível universitário, cerca de 30 anos de idade e residiam na zona oeste da cidade. Dessas gravações, foram selecionados quatro pequenos excertos, um para cada falante, cada qual contendo de quatro a sete ocorrências de /r/ em coda. Os falantes foram então recontatados para gravar uma versão com produções controladas de /r/ como tepe ou como retroflexo. Com as novas gravações, as gravações originais foram manipuladas no Praat (BOERSMA; WEENINK, 2014) para produzir oito estímulos, um par para cada falante, um contendo somente ocorrências de tepe e o outro apenas de retroflexos. Os oito estímulos foram então separados em dois grupos, de modo que se um participante ouvisse o Falante 1 em seu disfarce com o tepe, não ouviria o mesmo falante no disfarce com retroflexos.

Elaborou-se um questionário que foi aplicado a 185 participantes. O questionário incluía escalas de diferenciais semânticos de cinco pontos, em que os ouvintes tinham que assinalar quão extrovertido, escolarizado, masculino/feminino, inteligente, formal, amigável, paulistano e com sotaque o falante soava; o que consideravam ser o local de moradia (bairro mais central ou mais periférico), a faixa etária e a classe social do falante; e 30 caixas de seleção com características pessoais (como “trabalhador”, “caipira” e “confiável”).

A Figura 4 mostra uma árvore de mínimas distâncias aplicada aos dados de percepção sobre a variável /r/.

Figura 4 – Campo indexical da variável /r/ em coda no português de São Paulo



Fonte: Oushiro (2019, p. 1768).

Primeiro, cabe comentar como essa figura *não* deve ser lida. Ela não deve ser interpretada como um mapa mental de como os ouvintes chegaram a suas percepções sobre o falante, ou seja, não se deve considerar que um falante ouviu o tepe, e então o associou a “paulistano”, depois com “região central”, “classe alta” e assim por diante. A posição na figura à esquerda ou à direita, no topo ou abaixo, tampouco tem significado em si. O que importa é a proximidade entre os termos: quanto mais próximos, maior é a chance de que eles coocorreram nos questionários dos participantes, tendo sido ambos assinalados. O fato de que “região central”, “classe alta” e “escolarizado” aparecem próximos um ao outro significa que os participantes, de modo geral, julgaram os falantes simultaneamente como tendo todas essas características.

Essa é uma figura muito rica, da qual se poderiam analisar vários aspectos, mas vale destacar alguns padrões mais notáveis. Nessa figura, os termos mais próximos ao tepe são “paulistano”, “região central”, “classe alta”; para o retroflexo, os termos próximos são “sotaque”, “caipira” e “simples”. Esses padrões são recorrentes quando se plota a mesma figura para subconjuntos de participantes.

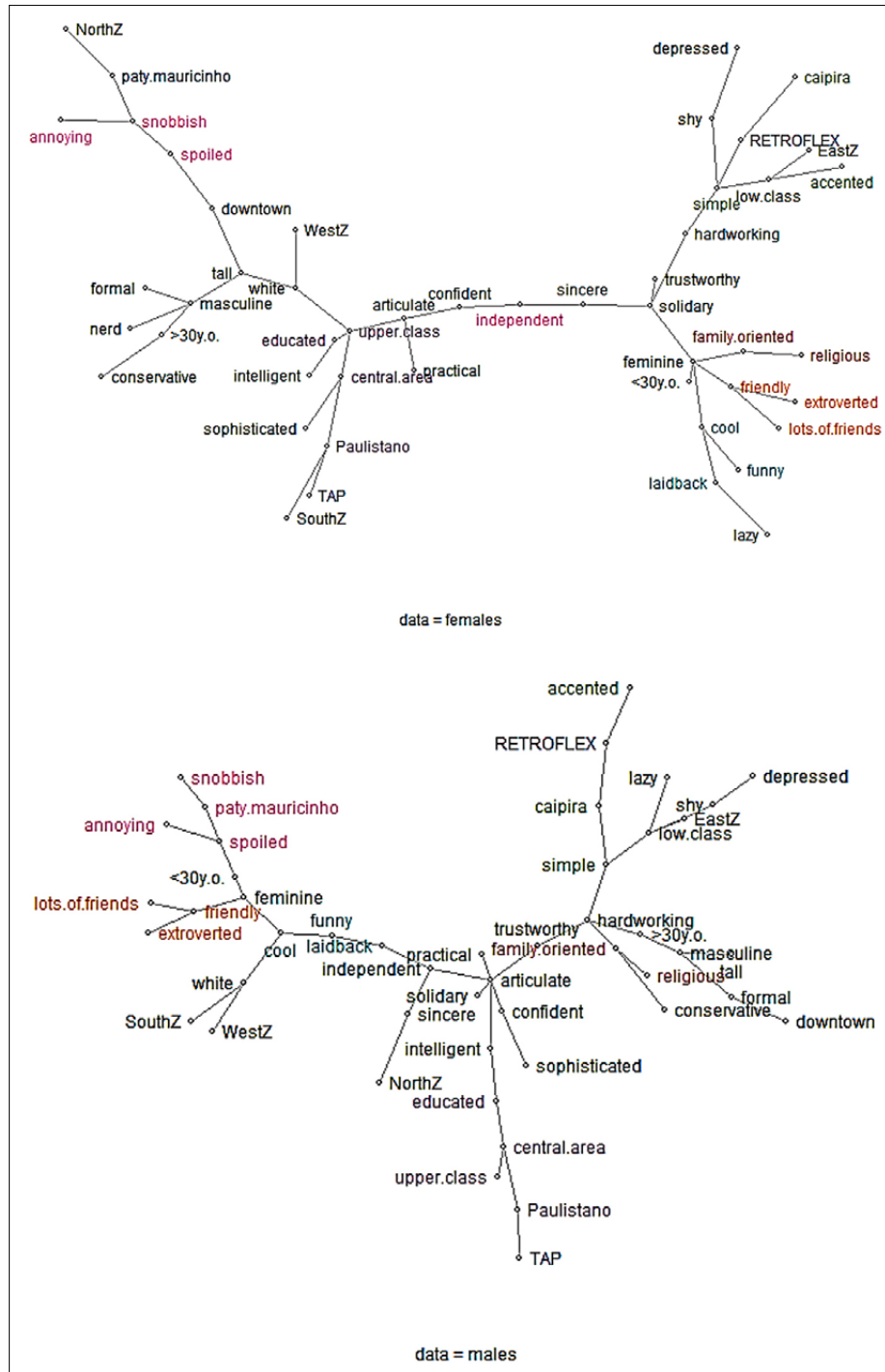
A Figura 5 corresponde aos dados das participantes mulheres (acima) e homens (abaixo). Na primeira se observa novamente que o tepe aparece próximo a “paulistano”, “região central”, “classe alta”, e o retroflexo a “caipira”, “simples” e “classe baixa”. O mesmo acontece para os homens, e na verdade para todos os subgrupos: paulistanos e não paulistanos, residentes de regiões centrais e periféricas.

O fato de que todos ou quase todos os grupos de ouvintes consistentemente associam o tepe a ser “paulistano”, de “região central” e de “classe alta”, e o retroflexo a ser “caipira”, com “sotaque” e “simples”, pode explicar por que essas são as correlações mais fortes com a variável /r/, e representam os significados centrais das variantes.

Além desses *clusters* recorrentes próximos ao tepe e ao retroflexo, há outros termos que sempre aparecem juntos em todas as árvores. Um desses *clusters* é aquele que contém os termos “patricinha/mauricinho”, “metida”, “mimada” e “irritante”; outro *cluster* contém os termos “extrovertido”, “amigável” e “ter amigos”; outro é ser “religioso” e “ligado à família”; e outro ainda

é ser “desencanado”, “descolado” e “engraçado”. Esses *clusters* podem ser observados nas Figuras 4 e 5. Trata-se de características que “andam juntas”, embora não tenham o mesmo significado. Essas relações emergiram das respostas dos questionários de 185 participantes e não da intuição de um ou poucos pesquisadores.

Figura 5 – Campos indexicais da variável /r/ em São Paulo por gênero do ouvinte (acima: mulheres; abaixo: homens)



Fonte: Oushiro (2019, p. 1771).

Essas figuras dão pistas de como funcionam o campo indexical de variáveis linguísticas e os mecanismos de associação de certas formas linguísticas a determinados significados sociais. Pode-se sugerir que esses *clusters* de significados ideologicamente relacionados existem “no mundo”, independentemente de haver uma associação com um traço linguístico específico. Os residentes de São Paulo normalmente associam as patricinhas com ser metida, mimada e irritante. Mas o modo como esses *clusters* estão ligados a diferentes nós em diferentes árvores pode explicar e prever quais significados sociais são mais disponíveis para ser atribuídos a certa variante, por parte de diferentes grupos, e quais têm maior probabilidade de vir a se associar a certo significado social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Voltemos às perguntas colocadas inicialmente: por que os linguistas têm enfrentado tantas dificuldades na divulgação de seus estudos e de sua perspectiva sobre o funcionamento das línguas? Por que a sociedade, de modo geral, continua se pautando quase que exclusivamente pelas prescrições da gramática normativa?

Vimos que as pessoas têm a capacidade de fazer diversas inferências sobre outras pessoas, de modo quase automático. As inferências feitas com base em pistas linguísticas, ao ouvir um falante, fazem parte de nosso conhecimento linguístico, como membros de comunidades de fala. As inferências podem estar corretas ou erradas, mas isso não importa: elas são feitas de modo automático e inconsciente. Certas associações estão tão arraigadas que não são fáceis de ser desconstruídas. De um ponto de vista mecânico, de como funcionam essas associações, ouvir uma pessoa e concluir que ela é de classe mais baixa pode ser tão automático quanto concluir que ela é paulista, carioca ou nordestina. Os diferentes significados atribuídos a variantes linguísticas se organizam em campos indexicais (ECKERT, 2008) – *clusters* de significados sociais ideologicamente conectados. Ao estudar sistematicamente as avaliações e as percepções, percebemos que, assim como a produção linguística é variável e exhibe heterogeneidade ordenada, também as percepções são variáveis e ordenadas: as percepções variam de acordo com uma variante ouvida e, também, de acordo com o perfil social do ouvinte. São muitas variáveis que entram em jogo.

As Árvores de Mínimas Distâncias (GOWER; ROSS, 1969; OUSHIRO, 2019) são um método replicável e objetivo para representar graficamente quais significados estão ideologicamente conectados, quais são mais próximos entre si e quais têm maior probabilidade de ser atribuídos a certos traços linguísticos. Propõe-se aqui que é necessário modelar essas associações e descobrir quais delas ocorrem e quais delas não ocorrem, a fim de entender o funcionamento dos estereótipos e dos preconceitos linguísticos. A análise dos mecanismos pelos quais os falantes de uma língua realizam inferências sobre outros falantes pode auxiliar no desenvolvimento de estratégias mais eficazes para o ensino da variação e para a valorização da diversidade linguística.

Entretanto, sabendo que as inferências são muitas vezes inconscientes e dependem da experiência linguística dos falantes/ouvintes, faz-se também necessário amadurecer o discurso sobre o preconceito linguístico. Não basta dizer aos falantes que não se pode ter preconceito linguístico, uma vez que, imbuídos de uma série de preconceções e de conhecimento sobre sua própria língua – de sua competência comunicativa, nos termos de Hymes (1991) –, fazemos inferências sobre as outras pessoas o tempo inteiro – e as pistas linguísticas são só um tipo dentre várias outras (o modo de se vestir, a cor da pele etc.). Explicita-se que aqui não se quer *justificar* o preconceito: todo e qualquer tipo de preconceito deve ser combatido. Os caminhos para combater o preconceito devem passar pela compreensão mais abrangente de como funcionam os mecanismos de inferências au-

tomáticas e inconscientes realizadas pelos falantes/ouvintes, e pelo reforço do ensino do respeito linguístico (SCHERRE, 2020), que parece ser, com efeito, uma estratégia mais eficaz do que simplesmente tentar combater o preconceito.

REFERÊNCIAS

- BATTISTI, E.; OLIVEIRA, S. G. de. Significados sociais do *ingliding* de vogais tônicas no português falado em Porto Alegre (RS). *Todas as Letras*, v. 18, n. 2, p. 14-29, 2016.
- BRANDÃO, S. Nas trilhas do -R retroflexo. *Signum: Estudos Linguísticos*, v. 10, n. 2, p. 265-283, 2007.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer*, 2014. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. Acesso em: 25 set. 2019.
- CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. G. V. *Gramática do português falado*. Campinas: Unicamp, 1996. v. VI, p. 463-489.
- CAMPBELL-KIBLER, K. *Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)*. 2006. 282 f. Tese (Doutorado) – Stanford University, 2006.
- CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. *Language Variation and Change*, v. 21, p. 135-156, 2009.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.
- FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. *Signo y Señã*, v. 28, p. 65-87, 2015.
- FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. *Todas as Letras*, v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016.
- GOWER, J. C.; ROSS, G. J. S. Minimum spanning trees and single linkage cluster analysis. *Journal of the Royal Statistical Society*, v. 18, n. 1, p. 54-64, 1969.
- HYMES, D. On communicative competence. In: BRUMFIT, C. J.; JOHNSON, K. (ed.). *The communicative approach to language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1991 [1979]. p. 5-26.
- LABOV, W. *The social stratification of english in New York City*. São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, W. *Justice as a linguistic matter. 2020*. Palestra apresentada no ABRALIN ao vivo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cr5tyw8_gT0&t=2828s. Acesso em: 15 abr. 2021.

LAMBERT, W. E.; HODSON, R. C.; GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. *Alfa*, v. 56, n. 3, p. 973-1001, 2012.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. (Versão revisada).

OUSHIRO, L. A computational approach for modeling the indexical field. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 27, n. 4, p. 1737-1786, 2019.

OUSHIRO, L. Avaliações e percepções sociolinguísticas. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 50, n. 1, p. 318-336, 2021.

OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. A pronúncia do (-r) em coda silábica no português paulistano. *Revista do GEL*, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2013.

PRESTON, D. Language with an attitude. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. (ed.). *The handbook of language variation and change*. 2. ed. Malden/MA: Wiley-Blackwell, 2013. p. 157-182.

PURNELL, T.; IDSARDI, W.; BAUGH, J. Perceptual and phonetic experiments on american english dialect identification. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 18, n. 1, p. 10-30, 1999.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2019. Disponível em: <http://www.R-project.org/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SCHERRE, M. M. P. *Respeito linguístico: contribuições da sociolinguística variacionista*, 2020. Palestra apresentada no ABRALIN ao vivo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W4XqhsiB9I0>. Acesso em: 15 abr. 2021.

TYLER, J. C. Expanding and mapping the indexical field: rising pitch, the uptalk stereotype, and perceptual variation. *Journal of English Linguistics*, v. 43, n. 4, p. 284-310, 2015.

WALKER, A.; GARCIA, C.; CORTÉS, Y.; CAMPBELL-KIBLER, K. Comparing social meanings across listener and speaker groups: the indexical field of Spanish /s/. *Language Variation and Change*, v. 26, p. 169-189, 2014.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968]. Tradução de Marcos Bagno.